

2009 - Houve um 13 de Março em Muangai

Houve um 13 de Março em Muangai

por: Eugénio Costa Almeida©

Há precisamente 43 anos um grupo de angolanos erguia, também, a sua voz da revolta contra um colonialismo que tinha tanto de anacrónico como de atemporal aliado a uma ideia de Um Povo Uma Só Nação, mais tarde adoptado por terceiros. Nesse grupo, a maioria dissidentes da FNLA e ex-governantes da GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio), que se intitulou UNITA, União Nacional para a Independência Total de Angola – diga-se, e reconheça-se, que apesar de se definir independente face às duas grandes potências, ou por isso mesmo, era política e militarmente muito próximo dos chineses –; assomavam personalidades como Jonas Malheiro Savimbi, o seu grande e incontestável líder (ministro das Relações Exteriores do GRAE), Samuel Chiwale, Tony da Costa Fernandes, Miguel N'Zau Puna, Ernesto Joaquim Mulato, entre outros. Porque, entretanto, o “Mais Velho” morreu, em condições nunca cabalmente esclarecidas por quem de direito e parece enterrado – parece, porque recorde um texto do Angonotícias, de Novembro de 2005, citando o Folha 8, que afirmava que o corpo teria sido retirado do inicial local de enterro para evitar eventuais profanações – algures no Moxico, é tempo de se dar aos mortos algo que os angolanos sempre souberam fazer: respeito. Passados que são 7 anos da sua morte, quase 7 anos dos Acordos de Luena que deram a Paz que tanto Angola carecia, não é tempo do corpo de Jonas Savimbi ser entregue, se não ao Estado Angolano como herói, título que chegaram a ponderar conceder-lhe ao abrigo lei-quadro dos títulos honoríficos e condecorações aprovados pela Assembleia Nacional, também em Novembro de 2005, pelo menos à família para que possa descansar junto dos seus entes mais queridos. Daí que também eu tenha subscrito a petição que foi, recentemente lançada, para que o corpo de Savimbi seja entregue à Família e possa ter um enterro cristão. Seria o quase encerramento definitivo das feridas causadas pela fraticida guerra do pós-independência. Apesar de não ser obrigação de José Eduardo dos Santos impor essa devolução parece-me que será a pessoa mais indicada para exercer a sua autoridade moral e aconselhar, vivamente, essa devolução. E com isso quase seria o encerramento definitivo de dúvidas quanto à Paz que se vive em Angola levando as autoridades a pensarem só no desenvolvimento, na diminuição da pobreza, no crescimento da riqueza da população, na melhoria das redes viárias, aéreas e ferroviárias e last but not least na melhoria das condições higiénicas do nosso Povo e nas melhorias do saneamento básico, das redes de água potável e eléctrica, entre outros itens. Fica a memória, fica o pedido! ©Publicado no Notícias Lusófonas, na rubrica "Colunistas" em 13.Março.2009, (<http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=22223 &catogory=ECAAlmeida>)